

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS RELATIVAS À DISCIPLINA: FILO0036 - INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE COMO PROCEDER A LEITURA DE UM TEXTO CLÁSSICO DE FILOSOFIA (Referente às páginas 10 a 17 da apostila fornecida para a turma)

Vídeo aulas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 Grupo 0 de vídeo-aulas

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (CECH-DFL-UFS)<sup>40</sup>

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Certamente devemos começar lembrando que a atividade de ler e compreender um “texto clássico” a partir de certas técnicas não é novidade especialmente na Cultura Ocidental pós Homero; como o lembrava o Prof. Wolfgang Gruen na introdução de seu **Didática do Grego Clássico** em referência ao que se ensinava já no século II a.C., quando já se havia estabelecido certa lista de textos clássicos, destaque óbvio para a **Iliada** e **Odisseia**. Naquela época, depois de uma espécie de estabelecimento do texto e leitura expressiva (respectivamente, διόρθωσις e ἀνάγνωσις), a parte principal da formação literária dos gregos era marcada por uma palavra que ainda hoje usamos: a exegese, do grego ἐξήγησις; quanto à qual (no verbete correspondente), nos lembra o **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**:

Exegese [significa] 1 comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra; 2 interpretação de obra literária, artística etc. [...] exegeta [...] indivíduo que realiza exegese [...], comentarista, intérprete [...].

Assim, já bem antes da era cristã, dado o intenso e costumeiro trabalho de exegese, ou seja, comentário, esclarecimento e interpretação de textos clássicos, essa se tornou uma etapa fundamental da educação formal dos gregos. Para além da questão se filosofia é só isso, é certo que a filosofia grega já nasce com uma forte reafirmação da capacidade exegética dos que a praticavam, o que fica evidente mesmo em alguns dos textos seja de Platão (completar)

---

<sup>40</sup> O presente material deve assumir o papel de Primeira Parte (ou Volume I), de um total de duas, de uma espécie de Apostila da disciplina “Leitura e Composição de Texto Filosófico”; ela foi pensada a partir de atividades desenvolvidas nas muitas vezes que ministrei a disciplina de mesmo nome e nas reuniões do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem GEFILUFS. Para mais informações: piauiusp@gmail.com.

seja de Aristóteles (completar). Filosofia ou não, ao menos é certo que ainda hoje essa é parte importante da atribuição daqueles que pretendem ensinar filosofia a partir de seus textos clássicos. Obviamente, dado o longo tempo que nos separa do nascimento da filosofia grega, o ensino de tais técnicas foi mudando a ponto de não ser difícil estabelecer certos períodos de implementação de determinadas técnicas ou algum outro tipo de mudança relevante, as mudanças de concepção de gramática ou de tradução e mesmo a invenção da imprensa em 1455, por exemplo, alteraram completamente as técnicas que se utilizavam até então. O que diríamos do robôs e a disseminação das fake news na atualidade?

Vale lembrar, associada a mudanças no plano da educação brasileira, que atualmente podemos “conceituar” o nosso principal inimigo para o pleno desenvolvimento de tal atribuição: o analfabetismo funcional. De qualquer modo, aqui no Brasil é notável a profusão de textos de Metodologia do Trabalho Científico que em grande medida, especialmente quanto às Ciências Humanas, também tentam cumprir a função de ensinar métodos de leitura, como para fazer fichamentos, resenhas, resumos etc. Queremos fazer notar que, mesmo depois de mais de 12 anos de educação formal e quanto ao que se pretende que o mais importante é ensinar a escrever e ler “bem”, é notória a dificuldade dos alunos de graduação e mesmo de pós-graduação quando a questão é elaborar contextualização, esclarecimento, comentário ou interpretação de algum texto não didático ou paradidático e não somente de filosofia; ou seja, tudo fica mais difícil ainda quando a questão é realizar o trabalho de exegese de um texto clássico seja de qual for a área. E aqui gostaríamos de manter a seguinte pergunta: De que importa ou adiantaria tentar ser filósofo ou filósofa, e não apenas historiador e mesmo literato, se nos mantemos analfabetos funcionais, ou seja, se somos incapazes de compreender o que escreveram ao menos uma parte daqueles que consideramos serem os clássicos da literatura mundial?

Do ponto de vista da literatura em geral, claro que durante esse longo tempo muito trabalho foi realizado no sentido de manter tal habilidade, a exegética, e muitas vezes conferindo a ela ainda mais rigor acadêmico; para mencionarmos apenas parte dos mais recentes, existe uma infinidade de trabalhos franceses especializados no assunto utilizando as ferramentas antes da Filologia e Etimologia (ou tradução em geral) e mais atualmente mesmo da Ciência da Informação ou Biblioteconomia. No que diz respeito especificamente à exegese filosófica, vale lembrar que parte daquele imenso número de trabalhos franceses recebeu uma nova direção quando, dentre muitos outros autores, Martial Guerroult e Victor Goldschmidt

explicitaram seus trabalhos de exegetas em textos, também dentre muitos outros, tais como “Método em História da Filosofia” e “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos”; a partir desses textos ficou evidenciado que parte fundamental do trabalho ao menos de historiador da filosofia deve estar acompanhada de posicionamento quanto ao que se considera ser a adequada exegese e mesmo quanto a quais técnicas de leitura e interpretação devem ser utilizadas.

De qualquer modo, um outro evento recente marcou as considerações mais atuais sobre a exegese, a imensa profusão de trabalhos na área que consideramos ser parte da Filosofia da Linguagem, mais especificamente relacionada ao Marxismo ou ao Estruturalismo, também acabou por atingir profundamente a nossa visão do que seria o texto; também para citar apenas dois, basta ler os trabalhos de um Bakhtin em, dentre outros, **Marxismo e filosofia da linguagem** (cap. 1 e 2) para perceber os novos problemas associados à relação entre a ordem do signo e do social ou de um Derrida em, dentre outros, “Força e significação” (in **A escritura e a diferença**) para perceber que o que consideramos ser o básico quanto à “escritura” – incompletude, indecidibilidade e inconsistência do sistema geral da escritura, por exemplo – altera decisivamente o que pensamos ser a adequada exegese e mesmo tradução dos textos clássicos de filosofia.

Tendo dito isso, o que pretendemos aqui e em nossas aulas em geral não tem por objetivo oferecer ou defender uma concepção de escritura ou linguagem e mesmo de filosofia clássica que altere nossa noção geral de texto ou de tradução, mesmo porque não poderíamos defender nenhuma nesse início ou de modo tão introdutório, embora conscientemente afastemos a opinião geral que se trata, quando do trabalho exegetico ou tradutório, de resgatar uma suposta “intenção” do autor do texto a ser comentado-interpretado ou vertido-traduzido; mas também não se trata de ir tão longe quanto o fomos em, dentre outros, “Boécio e o problema dos futuros contingentes”<sup>41</sup> em associação com a tradução “Comentário de Boécio ao §9 do **Da interpretação** de Aristóteles”<sup>42</sup>, “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o §47 da última carta a Clarke”<sup>43</sup> e mesmo em partes da apostila **Lógica I** e do livro **Leibniz**

---

<sup>41</sup> PIAUÍ, William de Siqueira. “Boécio e o problema dos futuros contingentes”. In **Princípios**, v. 15, n. 23, jan./jun. 2008, p. 205-232. <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/461>

<sup>42</sup> PIAUÍ, William de Siqueira. “Comentário de Boécio ao §9 do Da interpretação de Aristóteles”. In **Prometeus**. Volume 8, ano 8, n. 17, junho de 2015, p. 187-206.

<sup>43</sup> PIAUÍ, William de Siqueira. “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o §47 da última carta a Clarke”. In **Prometeus**. Ano 6, n. 11, jan./jun de 2013, p. 9-34.

**e a Linguagem I: Línguas naturais, etimologia e história**<sup>44</sup>, e mais recentemente “**Lógica do sentido: uma introdução ao Leibniz de Deleuze**”<sup>45</sup>. Aqui nossas pretensões são bem mais modestas e começaremos do mais elementar possível: certos tipos básicos de leitura. Ou seja, nosso objetivo aqui é, desde agora e a partir de uma discussão extremamente elementar sobre tipos de leitura, ou seja, sem nenhuma pretensão de ensinar a ser filósofo ou filósofa, exegeta ou tradutor, fazer uma leitura rápida e fácil (com um pouco mais de atenção, entretanto) de alguns textos fundamentais para compreender a História da Filosofia do Direito explicitando certas ferramentas de leitura que consideramos serem as mais básicas para a compreensão de um texto clássico em Filosofia do Direito, deixando para outro momento os problemas mais complexos que encaminhariam um comentário mais elaborado ou pesquisa mais profunda do texto em questão até chegar na História da Filosofia da Linguagem Contemporânea ou mesmo ao peculiar modo de filosofar na contemporaneidade.

Perguntas interessantes para manter já desde esse início: 1) O que você “depreendeu” como mais importante da leitura do texto de Folscheid e Wunenburger (vide Bibliografia) na Seção 1 da primeira parte de seu livro especialmente com relação à leitura? Quanto ao que é dito nela, foi capaz de “compreender” a diferença entre “explicação” e “comentário”? 2) O que você “depreendeu” como mais importante da leitura do texto de Cossuta (vide Bibliografia) na Introdução especialmente com relação aos problemas de método? Quanto ao que é dito nela, foi capaz de “compreender” o que permitiria transpor as dificuldades mencionadas no texto e por onde podemos começar a leitura de um texto clássico em filosofia do direito? 3) O que você “depreendeu” como mais importante da leitura do texto de Victor Goldschmidt “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos” (in **A religião de Platão**, vide Bibliografia) especialmente com relação à diferença entre o método dogmático e genético? Quanto ao que é dito nele, foi capaz de “compreender” qual seria o método mais filosófico e por quê? 4) O que você “depreendeu” como mais importante da leitura do texto de Martial Gueroult “Método em História da Filosofia” (in **Philosophica**, n. 6, 2005) especialmente com relação ao método que deveria ser empregado para a elaboração de “histórias” da filosofia? Quanto ao que é dito nele, foi capaz de “compreender” a expressão “segundo a ordem das razões”? 5) Qual a ligação entre ser exegeta ou historiador-comentador

---

<sup>44</sup> PIAUÍ, William de Siqueira; DINUCCI, Aldo. São Cristóvão, SE: CESAD, 2016.

<sup>45</sup> PIAUÍ, William de Siqueira. “Lógica do sentido: uma introdução ao Leibniz de Deleuze”. In **O Manguezal – revista de filosofia**, v.1, n. 2, 2018, p. 96-120. <https://seer.ufs.br/index.php/omanguezal/article/view/9415>.

de filosofia e filósofo para esses dois últimos autores? 6) Como você compararia a opinião desses autores e o que professa Mario Ariel González Porta nos capítulos 3 e 4 de seu livro **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**.

Bibliografia:

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos**. Trad. Angela de Noronha Begnami et al. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FOLSCHEID, Dominique e WUENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

GOLSCHMIDT, Victor. “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos”. In **A religião de Platão**. Trad. Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1963.

GRUEN, Wolfgang. **Didática do grego clássico**. Rio de Janeiro: Irmão Di Giorgio & CIA, 1960.

GUÉROLT, Martial. “Método em História da Filosofia”. Trad. Leandro Sardeiro. In **Philosophica – Revista de estudos da História e Modernidade**. N. 6, março 2005, pp. 129-44.

PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Obs.: sugestão de artigo onde fazemos análise e interpretação de texto filosófico de modo bastante técnico: PIAUÍ, William de Siqueira. “Mônada e ainda uma vez substância individual: a horizontalidade de uma problemática”. In **Mônada e ainda uma vez substância individual: introduções à filosofia leibniziana da substância, da unidade e da mônada**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 268-303.

**1.0 Que tipos mais elementares de leitura podemos supor? Começando de modo ainda mais básico: lendo a seção 5.9 (p. 76-80) do livro de Antonio Carlos Gil *Como elaborar projetos de pesquisa*.**

*Muito já se escreveu acerca dos procedimentos e das atitudes a serem adotadas na leitura do material para pesquisa bibliográfica. Alguns*

*autores chegaram mesmo a elaborar alentadas taxionomias dos tipos de leitura. (GIL, Op. cit., p. 77)*

Como deve ter ficado claro na leitura dos livros mencionados ou sugeridos na bibliografia da parte anterior do presente texto, a leitura “filosófica” de textos clássicos em filosofia não parece ser fácil e deve ser suficiente e tecnicamente rigorosa, a ponto de já terem sido estabelecidos e explicitados certos métodos “mais” ou “menos” “científicos” como o dogmático defendido por Goldschmidt em oposição ao genético. Tal complicação, parece que intrínseca ao trabalho de historiador-comentador de filosofia mesmo do direito, pode, claro, chegar ao limite de supor uma imensa taxionomia possível, muitas vezes, mas nem sempre, de verdadeiro auxílio aos leitores, dos tipos de leitura, chegando não só à particularidade dos gêneros filosóficos ou literários mas mesmo à dos autores e também à de cada obra escrita por eles.

Todavia, e para começarmos de algo muito mais simples e geral, assumimos que a leitura de texto filosófico, como outro qualquer apesar de mais fundamental para nosso trabalho de historiadores-comentadores, faz parte da etapa de uma pesquisa bibliográfica e pode ser tratada, ao menos inicialmente, a partir de quatro tipos muitíssimo básicos de leitura mencionados por Antonio Carlos Gil na seção 5.9 “Leitura do material [bibliográfico]” de seu livro (já mencionado), cujas partes são: 5.9.1 Leitura exploratória, 5.9.2 Leitura seletiva, 5.9.3 Leitura analítica e 5.9.4 Leitura interpretativa. Tendo em vista que as duas primeiras, ou seja, a Leitura exploratória e Leitura seletiva, uma por ser muito superficial ainda e a outra por geralmente já ter sido feita quando da elaboração de um programa ou projeto de pesquisa (ou seja, nós só leremos obras que sabemos ser importantes para a “nossa pesquisa”), não nos interessam na etapa de pesquisa em que métodos ou tipos de leitura de fato passam a ser uma questão importante.

Dito isso, nessa espécie de segunda etapa, a primeira questão que o aluno deve ter em mente é que as obras fundamentais para que ele seja bem sucedido em uma disciplina ou em seu projeto de pesquisa já foram escolhidas e se até o momento ele fez apenas leitura exploratória e seletiva, para a elaboração de trabalho final, tais como Projeto, Artigo, TCC, Dissertação, Tese etc., ele já deve estar em condições de passar a ler analítica ou interpretativamente. É justamente, pois, de tais leituras, ou seja, Leitura Analítica e Leitura Interpretativa, de modo bastante introdutório e ainda muito longe de um trabalho mais

filosófico de leitura, que pretendemos falar a partir do livro mencionado. Assim, nas palavras de Antonio Carlos Gil temos:

**“5.9.3. Leitura analítica:** [...] é feita com base nos textos selecionados. Embora possa ocorrer a necessidade de adição de novos textos e a supressão de outros tantos<sup>46</sup>, a postura do pesquisador, nesta fase, deverá ser a de analisá-los como se fossem definitivos”. “A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao PROBLEMA DA PESQUISA [qual o problema da sua pesquisa?]”. “A leitura seletiva [ou melhor, analítica] é de natureza crítica, porém deve ser desenvolvida com bastante objetividade. É importante que se penetre no texto com a profundidade suficiente para identificar as intenções do autor<sup>47</sup>; porém, qualquer tentativa de julgá-las em função das ideias do pesquisador deve ser evitada. Isso significa que, na leitura analítica, o pesquisador deve adotar atitude de objetividade, imparcialidade e respeito<sup>48</sup>. É importante que o pesquisador procure compreender antes de relutar. Nem sempre essa tarefa é simples, sobretudo quando o objetivo do pesquisador é o de testar uma hipótese [no nosso caso, geralmente hipótese interpretativa] de cuja veracidade esteja convencido antes de iniciar o trabalho de leitura analítica”. “Em termos práticos, pode-se estabelecer que uma leitura analítica adequada passa pelos seguintes momentos: a) leitura integral da obra ou do texto, para se ter uma visão do todo. Será conveniente valer-se de um dicionário para esclarecer o significado de palavras desconhecidas. Poderá, também, ser interessante, em alguns casos, apelar para trabalhos correlatos para se obter melhor compreensão da obra ou do texto; b) identificação das ideias-chaves. Ao ler atentamente uma frase, identificam-se algumas palavras-chave. Da mesma forma, num parágrafo, é possível escolher uma frase que o sintetiza. Ao longo do texto, por fim, podem-se selecionar alguns parágrafos [citações?] que são os mais significativos<sup>49</sup>. Por meio da junção inteligente entre os parágrafos do texto, é possível identificar as ideias mais importantes; c) hierarquização das ideias. Após a identificação das ideias mais importantes contidas no texto, passa-se a sua hierarquização, ou seja, a organização das ideias seguindo a ordem de importância [espécie de ordem das razões]. Isso implica distinguir as ideias principais das secundárias e estabelecer tantas

---

<sup>46</sup> Você sabe o que Antônio Carlos Gil pretendia com a ideia de “reformulações sucessivas”?

<sup>47</sup> É preciso tomar muito cuidado com a tentativa de restabelecer a suposta “intenção do autor”, autor que geralmente está morto já e sequer escreveu em nosso idioma.

<sup>48</sup> Você pensou sobre a relação entre essa suposta “atitude de respeito” e a “atitude de discípulo” mencionada por Goldschmidt?

<sup>49</sup> Muita atenção aqui, isso não quer dizer fazer fichamento de citações!

categorias de ideias quantas forem necessárias para a análise do texto; d) sintetização das ideias. Esta é a última etapa do processo de leitura analítica. Consiste em recompor o todo decomposto pela análise, eliminando o que é secundário e fixando-se no essencial para a solução do problema proposto. A habilidade de sintetizar exige bastante treino e é fundamental na pesquisa bibliográfica. Quando esta habilidade não se encontra bem desenvolvida, o pesquisador tende a deparar-se com grande conjunto de informações [e grande possibilidade de confusão] de difícil manuseio que podem comprometer o adequado desenvolvimento da pesquisa”. (GIL, 2009, p. 78-79).

**“5.9.4. Leitura interpretativa:** Esta constitui a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográficas. Naturalmente, é a mais complexa, já que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução. Na leitura interpretativa, procura-se conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica. Enquanto nesta última [na leitura analítica], por mais bem elaborada que seja, o pesquisador fixa-se nos dados, na leitura interpretativa, vai além deles, mediante sua ligação com outros conhecimentos já dados [Como nos tornarmos conscientes disso? Esse conhecimento geralmente vem de nossa formação em humanas!]. “O que tende a ocorrer com pesquisadores pouco experientes é a interpretação ser feita com base em posições pessoais, conferido ao trabalho caráter subjetivo, terminando por comprometer sua validade científica [no nosso caso, de muitas outras leituras inclusive feitas em momentos muito anteriores]. Para que isso não ocorra, é necessário que a interpretação se faça pela ligação dos dados com conhecimentos significativos, originados de pesquisas empíricas ou de teorias comprovadas”. (GIL, 2009, p. 79-80).

Perguntas interessantes: 1) O que você “depreendeu” como mais importante da leitura do texto de Antonio Carlos Gil (vide Bibliografia) na Seção 5.9 da 5ª parte especialmente com relação à leitura? Quanto ao que é dito nela, foi capaz de “compreender” a diferença entre leitura “exploratória”, “seletiva”, “analítica” e “interpretativa”? 2) Você foi capaz de compreender os motivos da nossa opção por detalhar somente as leituras “analítica” e “interpretativa” na suposta segunda etapa da pesquisa? 3) A partir do projeto da pesquisa, do programa da disciplina ou do que está sendo proposto no presente momento pelo professor você é capaz de dizer por etapas o que você de fato deve fazer, em que medida, a partir dessa constatação e formulação das etapas, você deve se valer não mais de leitura “exploratória” e

“seletiva” mas sim de leitura “analítica” e “interpretativa”? 4) Você é capaz de fornecer do modo mais técnico possível todos os dados bibliográficos do texto a partir do qual você fará aquelas leituras, incluindo alguns dados quanto à história das edições e traduções do texto e como se encaixam na vida do autor? 5) Como você formularia o “problema” a ser resolvido ou apenas equacionado pelo texto que deve ler analítica e interpretativamente? 6) Quais materiais especializados você elencaria para a leitura de um texto clássico em filosofia do direito?

**Bibliografia:**

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.